



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Educação**  
**Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas**

**VÂNIA SANTOS MEIRA**

**Kanã Miãga (Minha Água):**  
**Estratégias de Sobrevivência Sob um Olhar Pedagógico**

Belo Horizonte

Mai de 2019

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Educação**  
**Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas**

**Vânia Santos Meira**

**Kanã Miãga (Minha Água):**  
**Estratégias de Sobrevivência Sob um Olhar Pedagógico**

Trabalho de Conclusão de Percurso Acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências da Vida e da Natureza no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Marina de Lima Tavares  
Coorientador: Prof. Dr. Célio da Silveira Júnior  
Co-orientadora: Profa. Ms. Daniela Campolina Vieira

**Belo Horizonte**

**Mai de 2019**

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	6
A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA PARA ALDEIA VELHA.....	8
Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha .....	11
Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha.....	14
OBJETIVOS.....	19
Objetivo geral.....	19
Objetivos específicos.....	19
METODOLOGIA.....	20
CAPÍTULO 1 – A ÁGUA E A HISTÓRIA DE ALDEIA VELHA: DA RETOMADA DE 98 AOS DIAS ATUAIS .....	22
Água/Como viviam os primeiros moradores .....	22
Habitação permanente - Uma nova etapa começa... ..	25
Situação Atual de abastecimento .....	28
Saneamento Ambiental.....	29
Novo Poço .....	31
CAPÍTULO 2 - INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS: DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES .....	33
Palestra com Buriti (liderança) em sala de aula.....	33
Conhecendo a história, a luta e o funcionamento da água .....	34
Atividade de Mapa Mental.....	38
CONSIDERAÇÕES: REFLETINDO SOBRE O MEU PERCURSO.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

*Dedico este trabalho à Deus que criou a natureza e a deu de presente ao ser humano para cuidá-la. Aos meus pais que sempre me incentivaram nos estudos, a meu filho e meu esposo pelo carinho e compreensão. À minha comunidade e escola indígena.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me proporcionado essa oportunidade de realizar mais uma etapa na minha vida. Gratidão aos meus pais que com todo amor me ensinaram os caminhos para uma educação de qualidade, onde o respeito e amor ao ser humano e á natureza prevaleça. À meu filho e esposo pela compreensão de minha ausência. Sou muito grata a eles que me demonstraram tanto carinho enquanto estive presente e ausente por conta do meu curso. À minha família pelo apoio, parceria e perseverança junto comigo em tudo. Agradeço a família FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas, UFMG), docentes e colegas que me fizeram acreditar que valeu a pena ter participado de um curso tão importante na habilitação de Ciências da Vida e da Natureza, onde aprendi muito e pude fazer novas amizades e valorizar momentos marcantes de muita alegria, mas também de tristeza do inesperado. Sou grata pela amigas e companheiras das quais tive muita afinidade as parentes Pataxó, Pataxó hã hã hãe e Xakriabá. Aos meus parentes e colegas de Aldeia Velha também dessa turma Wagner, Txaywã e Gilzimar. Sou grata aos meus orientadores deste Percurso Acadêmico, Professora Marina Tavares, professor Célio da Silveira e Daniela Campolina. Agradeço as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente na realização deste trabalho, as companheiras de trabalho Aline Andrade e Ahnã Pataxó pela colaboração na Intervenção Pedagógica. Às lideranças Ipê (primeiro cacique) e Manoel Meira - Buriti (meu pai) que contribuíram para realização da pesquisa. Agradeço a minha escola que é um marco na história da aldeia e a toda a comunidade indígena Pataxó Aldeia Velha.

## RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido na Comunidade Indígena Pataxó de Aldeia Velha, que fica localizada em Porto Seguro, no extremo Sul da Bahia, e teve como finalidade realizar um estudo histórico sobre o processo de retomada e usos da água e desenvolver uma proposta pedagógica interdisciplinar para trabalhar o tema na escola da comunidade. Foi realizada uma caminhada pela aldeia com o cacique Ipê para conversar e registrarem fotografias os pontos estratégicos do processo de retomada e os locais em que os moradores utilizavam a água ao longo dos anos. Também houve conversas com a comunidade escolar e o desenvolvimento de uma proposta didática sobre o tema em parceria com as professoras de Geografia e Português. O trabalho mostrou a importância de que essa proposta didática passe a fazer parte do Projeto Político Pedagógico da escola, uma vez que discute a água não apenas a partir dos livros didáticos, mas no contexto da história da comunidade. Consideramos que esse tipo de abordagem pode contribuir para a conscientização do uso da água como um bem de todos.

**PALAVRAS CHAVE:** Água – conhecimento da realidade local - proposta pedagógica

## INTRODUÇÃO

Eu Vânia Santos Meira, nasci na cidade de Itabuna, Bahia em 30 de julho de 1980, onde estudei até o Ensino Médio. Essa cidade não ficava próxima de aldeias indígenas e como minha mãe tinha saído muito nova da companhia de seus pais, tinha o desejo de retornar para perto de minha avó que sempre morou em aldeia. Tempos depois fomos morar na aldeia Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabrália, onde ficaríamos mais perto dos nossos parentes e da nossa cultura. De lá recebemos o convite por nossos parentes para participar e apoiar numa retomada de terra indígena na Aldeia Velha em Porto Seguro no ano de 98. Não sabíamos o que nos esperava, mas fomos encarando aos poucos cada fase dessa nova etapa, conquistamos o que é nosso por direito e é na Aldeia Velha o território onde estamos até os dias de hoje.

No ano de 2006 comecei a trabalhar na escola indígena como professora do 1º ano (alfabetização), ingressei no Magistério Indígena e fiz concurso para a área de auxiliar administrativo. Depois de certo tempo voltei para a sala de aula (desvio de função do concurso), devido à necessidade da minha escola e trabalhei como professora de Ciências e Português no ensino Fundamental II.

Em 2015 surgiu o curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na área de Ciências, como já estava trabalhando nessa área em sala de aula e a necessidade de capacitação e suporte, tentei o vestibular e passei.

Enquanto trabalhava Ciências com os alunos, sentia muita falta de material didático sobre nossa própria realidade. Então os conteúdos que ia trabalhando, tentava fazer mediação, ou seja, assuntos dos livros didáticos e também assuntos relacionados a minha comunidade. Comecei a pesquisar sobre minha aldeia e os alunos também faziam pesquisas com os “mais experientes”, sobre nossa realidade.

Quando trabalhei o tema água, lixo e outros temas relacionados ao meio ambiente fiquei mais empolgada ainda em pesquisar para ajudar minha escola. Então num dos trabalhos de aula campo, com os alunos e um ancião da aldeia, perto da caixa d'água percebi a importância de levar esses conhecimentos também para o Projeto Político Pedagógico (PPP) da minha escola.

Devido à burocracia entre meu concurso e sala de aula, retornei para minha função de Administrativo na escola, mas o FIEI me possibilitou de poder continuar sendo uma pesquisadora na aldeia tanto que escolhi o tema de Percurso sobre a água trazendo para o trabalho, a história, as lutas, como vivemos hoje com relação a abastecimento e a riqueza de um tema que pode ser trabalhado de forma interdisciplinar em sala de aula falando da realidade local.

Escolhi trabalhar este tema pelo fato de ser pouco visto nos planos pedagógicos da escola de Aldeia Velha. Na maioria das vezes por falta de material didático específico da nossa realidade, os professores desenvolvem seus conteúdos seguindo os livros didáticos que vem do Governo Federal.

Entender a temática da água na escola é uma forma de poder orientar a comunidade escolar através das práticas pedagógicas, auxiliando na conscientização quanto ao cuidado e economia da mesma. E para isto, é necessário que o aluno conheça sua realidade, ou seja, a água que utilizamos no passado e presente, sua forma de abastecimento e os cuidados que devemos ter.

## A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA PARA ALDEIA VELHA

Como um dos recursos mais importante de vida na Terra, a água é o nosso meio de sobrevivência maior, sem ela não conseguiríamos sobreviver. Nosso planeta é composto 71 %de água, sendo 2,6 % de água doce, destes apenas 1% disponível em rios e águas subterrâneas. Nosso país é muito rico em quantidade de água como cita Vieira et al. (2013):

O Brasil é uma potência hídrica, pois possui 12% do total de água doce do mundo, 90% dos seus rios são perenes, abriga a bacia amazônica, a maior do Brasil e do mundo, além de ter em seu território70% do Aquífero Guarani (maior do mundo), bem como, a maior extensão da Amazônia e Pantanal que são áreas úmidas de grande importância mundial (REBOUÇAS, 2001; RIBEIRO, 2008 citado por VIEIRA e outros, 2013, p.3)

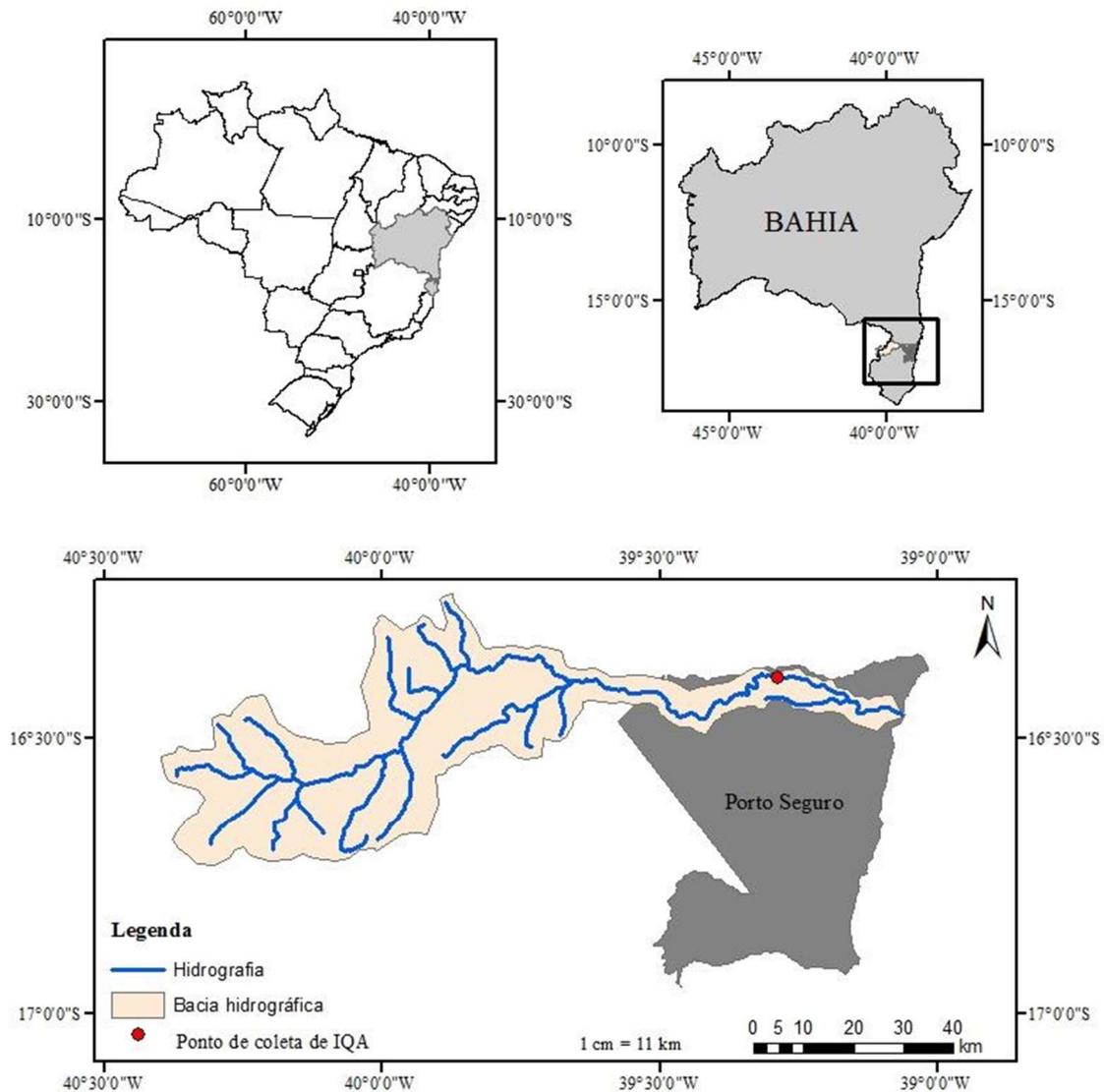
Entende-se também que a água é renovada pela natureza, através do seu ciclo. Pode-se afirmar que esse ciclo ocorre de forma dinâmica. Mas, apesar de renovar-se constantemente *“muitas interferências humanas tem alterado esse ciclo e conseqüentemente diminuído sua disponibilidade da forma como necessitamos: líquida, doce e potável.”* (JUNIOR e outros, 2018, p. 159). No entanto quando falamos de interferências humanas podemos citar os seguintes impactos: retirada de mata ciliar, desmatamento em topos de morro, erosão, assoreamento e poluição (industrial, esgoto e agrotóxicos).

Quando consideramos o conceito da água, como nós seres humanos temos alterado sua quantidade e qualidade, temos em nossas mãos o cuidar especial, para isso, é importante conhecer o conceito de bacia hidrográfica Assim sendo:

“Bacia hidrográfica é o território no qual as águas infiltram e escoam. Os limites geográficos das bacias são chamados de interflúvios ou divisores de água que possuem altitude mais elevada permitindo que a água, ao cair em um ponto mais alto do relevo, escoe até um rio principal que se localiza na porção de menor altitude no território da bacia.” (JUNIOR e outros, 2018, p. 159).

A Aldeia Velha está na bacia hidrográfica do rio Buranhém, onde ele deságua no mar. Conforme cita Euclides e et al. O rio Buranhém, com nascente na divisa dos Estados de Minas Gerais e Bahia, deságua no Oceano Atlântico, no município de Porto Seguro, Bahia. Sua área total de drenagem é de 2.820 km<sup>2</sup> dos quais 88% pertencem ao Estado da Bahia e os restantes 12% ao Estado de Minas Gerais. (EUCLYDES e outros, 2004). Segue a figura da bacia hidrográfica do rio Buranhém.

Figura 1. Localização da bacia hidrográfica do Buranhém



Fonte: SILVA, 2015.

O rio Buranhém recebe travessia de balsas e outros transportes aquáticos e a aldeia localiza-se onde o rio deságua no mar com mangues, lagoas. O rio tem muitos peixes e a região de manguezal é rica em vários tipos de mariscos. Mas, quando nos referimos a qualidade da água, pode ser que o rio receba esgoto de algumas localidades, mas não interfere na água que abastece a aldeia. No entanto, para qualquer comunidade existe a preocupação quanto a qualidade da água e a nossa saúde depende também dessa qualidade. São muitos os motivos ou causas de doenças. Dentre alguns:

A água relaciona-se à saúde humana de várias maneiras e as principais são:

1. Como veículo de agentes microbianos causadores de gastroenterites, especialmente por causa da contaminação fecal, ou de outras infecções como leptospirose, comum em inundações urbanas.
2. Como veículo de agentes tóxicos, quer naturais (ex. toxinas biológicas, como as das cianobactérias; arsênico) ou de origem antrópica (outros contaminantes químicos).
3. Como reservatório de vetores de doenças, como os mosquitos transmissores da malária e da dengue e os hospedeiros intermediários (caramujos) que albergam o verme causador da esquistossomose (*Schistosoma mansoni*).
4. Impactos físicos diretos (ex. inundações em áreas povoadas) ou indiretos (ex. danos à produção de alimentos ou à infra-estrutura de saúde, etc.). (BICUDO, TUNDISI & SCHEUENSTUHI, 2010, p.25)

É preciso acompanhamento pelos órgãos competentes quanto a qualidade da água. Existe vários fatores que levam a água ficar poluída ou contaminada, é fundamental que todos os seres humanos tenham acesso a essa informação e um dos meios que é considerado importante para essa e outras informações é a própria escola de uma comunidade ou aldeia.

A água para a comunidade de Aldeia Velha é essencial porque a vida depende dela. E a comunidade teme que um dia a água venha a faltar, porque apesar do território ter muitos locais arborizados, existe a preocupação no cuidar, quanto a desmatamento, incêndios e outras causas que podem destruir um território. E neste trabalho procuro trazer a história do uso e manutenção do recurso água, sendo que existe uma relação com a retomada da aldeia. Todas as informações coletadas na pesquisa apontam para uma educação que transforma. Faço menção da referência que é a escola como uma grande

mediadora de muitos assuntos importantes, (principalmente do meio ambiente) que envolvem a comunidade, e é através do instrumento escola que educadores e educandos aprendem juntos a obter conhecimentos que colaborem também para um bom uso e conservação da nossa água.

O texto a seguir descreve um breve resumo caracterizando a comunidade de Aldeia Velha e a escola.

## **Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha**

A comunidade de Aldeia Velha fica localizada no distrito de Arraial D'Ajuda, município de Porto Seguro, litoral Baiano. Com uma área de 2002 hectares, a aldeia fica próxima das margens do “Buranhém” (rio onde se dá a travessia de pequenas navegações entre o distrito e o município).

A aldeia teve seu território retomado no ano de 1998, com cerca de 23 famílias que ali estavam e que lutaram por essa vitória. Atualmente, possui mais de trezentas famílias, com a maioria dos moradores residindo na parte alta da aldeia, área aberta designada para habitações, escola e posto de saúde.

Muito próxima aos bairros do distrito, a Aldeia Velha, fica separada apenas pela pista (BA 001) onde transitam grande fluxo de carros, principalmente de turistas de vários lugares que dão preferência aos distritos de Arraial, Trancoso, Caraíva e a cidade de Porto Seguro.

A aldeia conta com uma grande área de vegetação nativa e pequenos córregos que ficam localizados nas reservas florestais. A parte baixa mesmo tendo áreas de mata atlântica, possui muitos campos e um grande manguezal próximo ao rio Buranhém. No mapa a seguir é descrito como é a comunidade, mostrando a parte alta, baixa e área de manguezal. Logo após o mapa tem uma foto da parte sede da aldeia.

## Etnomapa da Aldeia Velha

### LEGENDA

- A - Entrada da Reserva
- A' - Entrada da Aldeia
- B - Trilha da Jundiba
- C - Trilha do Paty
- D - Rua Encontro dos Pataxó
- E - Rua Kijetxawê
- F - Rua do Sossego
- G - Rua Ipê
- H - Rua Paraíso dos Pataxó
- I - Rua Canto dos Pássaros

### Primeiras famílias da reserva

#### Aldeia Velha:

- 1 - Casa da Sra. Amélia
- 2 - Casa de Aruito
- 3 - Casa de Mangangá
- 4 - Casa do Sr. Julio e Sra. Esmeralda
- 5 - Casa de Adelaide
- 6 - Casa do Sr. Pedro pai de Aruanã
- 7 - Casa de José Eugenio
- 8 - Casa de Gil da Amargosa
- 9 - Casa de Bastiana
- 10 - Casa de Ipê (ex. Cacique)
- 11 - Casa da Sra. Maria Nobre
- 12 - Casa de Manoel Rosa
- 13 - Casa do Sr. Bergue e Sra. Nair
- 14 - Casa de Jaçaná (pajé)
- 15 - Casa do Sr. Adailton e Sra. Francisca
- 16 - Casa de Vital
- 17 - Casa de Antonio de Lira
- 18 - Casa de Pedro Borge
- 19 - Casa do Sr. Evaristo
- 20 - Casa de Maria Amargosa

#### Sede da aldeia velha:

- 21 - Igreja Evangélica
  - 22 - Igreja Católica
  - 23 - Residências
  - 24 - Casa do ex cacique Ipê (sede da 2ª escola - 2000 a 2001)
  - 25 - Casa da pajé Jaçaná
  - 26 - Posto de saúde
- FARINHEIRA e 3ª escola (2001 a 2003)**
- 27 - Casa de Dió
  - 28 - Horta escolar projeto educação - 2014
  - 29 - Ponto de cultura (4ª escola - 2004 a 2008)
  - 30 - Escola (2009 a 2015)
  - 31 - Centro Cultural



Figura 2. Fonte: GUEDES; SANTOS; ESPÍRITO SANTO, (2015)



Figura 3. Foto da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha (tirada por drone por Samuel, disponibilizada pelo Cacique Ângelo).

A economia dos moradores se dá por meio de venda de artesanatos, agricultura, trabalhos em construções, hotelaria, serviços de saúde e educação municipal. Os artesanatos são vendidos nas praias aqui do distrito de Arraial D'Ajuda, algumas pessoas se arriscam a viajar para litorais de outros municípios.

Quanto aos trabalhos de construção civil e hotelaria, as pessoas são empregadas aqui mesmo nos distritos de Arraial e Trancoso. A aldeia conta com um posto de saúde e um prédio escolar, dos quais algumas pessoas daqui mesmo trabalham. Temos a visita de um médico, um dentista e duas técnicas de enfermagem uma ou duas vezes na semana.

Na medicina tradicional, temos a Pajé Jaçanã que ajuda aqueles que a procuram para cura de vários problemas. Temos também outras pessoas que entendem de remédios com ervas que ajudam também a quem os procura.

Quanto à alimentação, a comunidade geralmente compra os alimentos em mercados, mas tem na comunidade duas ou três vendas (pequenas mercearias) que dão suporte a quem precisa comprar alguma coisa a granel. A aldeia tem sua administração geral dirigida pelo cacique, vice cacique e

lideranças que mantêm um trabalho contínuo para uma boa convivência e organização local. A seguir, será descrito em detalhes sobre a nossa escola.

### **Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha**

A escola de Aldeia Velha é uma referência muito grande para a comunidade, porque é um marco desde a retomada de 98. O cacique Ipê que liderou essa retomada, decidiu na época, que a aldeia deveria ter uma escola, onde as crianças teriam aulas, assim também como os adultos. Mas esse projeto só se tornou real em 1999.

A escola funcionava numa cabana, que ficava na reserva da aldeia. Quando o povo se mudou para o local designado para as habitações, a escola passou então a funcionar na casa do cacique. Tempos depois, foi transferida para a Casa de Farinha, mais conhecida como farinheira. Daí esse local foi dividido tanto para acontecer as aulas, quanto para a produção de farinha por algumas pessoas da comunidade.



Figura 4. “Cabana da reserva” primeira escola de Aldeia Velha. Arquivo: Alzenir M. Pereira



Figura 5. “Farinheira” Casa de farinha onde funcionou como escola Foto: Vânia Meira (março 2019)

Foram muitas as dificuldades que alunos e professores tiveram que enfrentar, sobretudo nesse local. E com a luta do cacique e suas lideranças, no ano de 2005 foram então construídas as duas primeiras salas de aula, saindo de locais provisórios para este local.



Figura 6. Duas salas de aula construídas em 2005 Foto: José Vercício.

Com o crescimento da população e da demanda de alunos, houve a necessidade de ampliação da escola. E por meio de muitas reuniões com as lideranças indígenas da Aldeia Velha, Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e prefeitura municipal foi então o novo prédio inaugurado em 2009, conforme foto abaixo, e fica localizado bem no centro comunitário da aldeia próximo ao posto de saúde.



Figura 7. Prédio Escolar Atual Foto: Vânia Meira, Dezembro 2018

Atualmente a escola funciona no período diurno, manhã e tarde, com 274 alunos e as séries vão desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental II. Possui em seu quadro administrativo, uma diretora, dois coordenadores pedagógicos e dois auxiliares administrativo e pessoal de apoio escolar. Conta com um quadro de 16 professores, três (3) auxiliares de classe e especificamente com dois (2) professores de Língua Materna, sendo um total de 19 professores. Que lecionam desde o Ensino Infantil ao Fundamental. Neste quadro de funcionários constam 02 professores que se formaram no curso FIEI (Aline S. Andrade – Línguas, Arte e Literatura e Kevin Robert Dias Santos - Matemática) e mais 06 educadores que estão em curso (FIEI/UFMG) e 05 na Licenciatura Intercultural Indígena (LINTER) na Bahia.

São ações prioritárias para a educação da escola: intercâmbios entre escolas indígenas e não indígenas; Noites Culturais com presença fundamental dos anciãos; participação na Festa Tradicional da aldeia; Jogos Indígenas dos alunos e ações com a equipe de saúde municipal.

A escola indígena de Aldeia Velha tem em uma de suas características, ser uma escola democrática e diferenciada assim como muitos povos indígenas em geral, conforme o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas:

Os povos indígenas atualmente lutam por uma educação específica e diferenciada, que possam contemplar os seus projetos societários e autonomia. “Porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de cada povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena”. (RCNEI, 2005, p.25).

Todas as ações da escola são planejadas em reunião, pelos servidores no início do ano letivo. A escola recebe um calendário da Secretaria Municipal de Educação e faz - se ajustes no mesmo através de uma reunião com a equipe escolar sobre como vai ficar o calendário escolar interno.

Esse calendário é refeito na escola, acrescenta-se datas comemorativas como festas tradicionais da aldeia, jogos indígenas escolares, e outras atividade que seguem no decorrer do ano letivo. Todas as ações da escola são planejadas em reunião, pelos servidores no início do ano letivo.

Todas as mudanças que venham ocorrer durante o ano letivo relacionadas às ações escolares têm a participação de todos da comunidade escolar. E o Projeto Político Pedagógico confirma que:

A Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha adota a Gestão Democrática como forma de gerir sua instituição, possibilitando a participação, transparência e democracia. Assim, todos os envolvidos no cotidiano escolar participam da gestão de professores, estudantes, funcionários, pais ou responsáveis, pessoas que participam de projetos na escola, e toda a comunidade ao redor da escola e, qualquer decisão ou ação tomada, ou implantada na escola é de conhecimento de todos.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena de Aldeia Velha é um dos princípios de gestão democrática adotados pela instituição e contou com a participação da comunidade para garantir as especificidades e diversidades necessárias. (PPP pág. 17)

Esse mesmo PPP é reavaliado a cada ano, sendo flexível a mudanças como novos eventos, novas ações, o que deu certo e o que poderia ser melhorado. Por isso, a comunidade e a escola procuram manter essa dependência.

O PPP é um documento que está acessível a mudanças e neste trabalho, vai também discutir possibilidades de trabalhar esse tema água de forma que o conteúdo do livro didático possa ser trabalhado com a realidade local.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Realizar um estudo histórico sobre o processo de retomada e usos da água da comunidade indígena Aldeia Velha e desenvolver uma proposta pedagógica interdisciplinar para trabalhar o tema na escola da comunidade.

### **Objetivos específicos**

- Estruturar o histórico da nossa aldeia fazendo uma ligação entre o passado, presente e futuro, mostrando como foi a relação da água com os processos de retomada e migração dos locais e com a escola;
- Conhecer a distribuição da água para as casas, mostrando como se dá também as formas de saneamento;
- Trazer estes conhecimentos históricos e atuais para a escola de forma que o educador tenha em mãos um material que o auxilie nas atividades teóricas e a campo.
- Sugerir que essas propostas resultado deste trabalho venham a ser inseridas no PPP Projeto Político Pedagógico da escola de Aldeia Velha bem como nas suas ações letivas.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi dividido em três etapas. Sendo que na primeira etapa fiz um levantamento histórico com registro fotográfico. Na segunda etapa conversei com a comunidade escolar sobre o tema a ser trabalhado com professores e alunos. E a terceira etapa foi desenvolver a proposta didática para aplicação na turma com reflexões sobre esse processo. Fiz algumas gravações de relatos das professoras.

Na primeira etapa deste trabalho, fiz os primeiros registros em fotos nos primeiros locais onde se deu a retomada da aldeia que aconteceu em 98. Para isto, tive a ajuda de uma grande liderança por nome de Ipê, o mesmo foi cacique da época da retomada. Foi ele quem teve a iniciativa juntamente com outros indígenas na época para lutar por nosso território. Essa primeira tarefa foi feita no mês de outubro de 2017. Depois dessa primeira visita neste local, fizemos uma sequência de visitas e registros fotográficos. Isso se deu no mesmo dia. Ou seja, visitamos o primeiro local, depois fomos em outro local do qual a comunidade tinha migrado no passado. Seguimos então a sequência de acordo a ordem cronológica dos acontecimentos históricos. A maioria dos registros fotográficos foram feitos por mim.

As visitas foram marcadas com outras duas lideranças. Uma foi com Guilherme Pataxó Agente de Saneamento Indígena (AISAN), que é o rapaz responsável pela distribuição da água da nossa aldeia. A outra liderança foi o Buriti Pataxó, o mesmo teve participação ativa no processo de instalação do poço e busca pela caixa d'água da aldeia. Fez vários documentos de encaminhamentos por busca e melhorias para a comunidade.

Na segunda etapa, as ações foram conversas com a diretora da escola de Aldeia Velha, Maria Aparecida Alves da Conceição e com o coordenador do Ensino Fundamental II, Wagner Santos Meira (estudante do FIEI-CVN 2015 A 2019). Nesta conversa fiz a apresentação do tema do meu percurso: Água, e como seria a conversa com alguns professores do Ensino Fundamental II. A princípio o tema de Percurso foi apresentado para a direção escolar, bem como a sugestão de poder realizar algumas atividades pedagógicas, junto com

alguns professores. As atividades foram desenvolvidas com uma turma do 6º ano. Já que a escolha do tema e a proposta pedagógica a que sugere o trabalho seria para atividades interdisciplinares. Enquanto estive conversando com a direção e coordenação da escola, fiz algumas anotações e depois conversei com a professora de Geografia Arnã e a professora de Língua Portuguesa Aline Andrade (aluna egresso do FIEI-LAL). Apresentei o tema do trabalho e começamos a planejar juntas algumas atividades para a turma.

Na terceira etapa fiz o desenvolvimento das atividades pedagógicas, em conjunto com a professora de Geografia e a professora de Português da escola Aldeia Velha. As aulas foram desenvolvidas de forma teórica e prática e envolveram a participação de uma liderança da aldeia em uma aula de campo. Ao longo das aulas, ilustrações foram feitas pelos alunos e ao final foi feita reflexões com todos os envolvidos.

Nos dois capítulos a seguir faço uma descrição do histórico da minha aldeia desde a retomada de 1998, apresentando uma sequência de acontecimentos até os dias atuais. Para construir esses capítulos usei fotografias das primeiras famílias, dos lugares onde tinha água que a comunidade utilizou, do modo de abastecimento atual, dentre outras. Cito também trechos retirados do meu memorial, que foi fruto de atividades durante as aulas do curso FIEI, faço descrição das intervenções pedagógicas que desenvolvi nesse trabalho e apresento o relato de conversas com as professoras e lideranças que participaram do desenvolvimento das atividades propostas.

## **CAPÍTULO 1 – A ÁGUA E A HISTÓRIA DE ALDEIA VELHA: DA RETOMADA DE 98 AOS DIAS ATUAIS**

Neste capítulo será descrito o histórico da Aldeia Velha, a luta por sobrevivência do povo em períodos da retomada. Como se deu as mudanças de locais nesse período e as estratégias para que não faltasse água para o povo. A partir da moradia na sede permanente, será descrito também como se deu a conquista pelo poço para todos os moradores; as formas de abastecimento da água, assim como saneamento e a conquista por um novo poço a partir do aumento da população de Aldeia Velha.

### **Como viviam os primeiros moradores**

No ano de 1998 durante o processo de retomada, as famílias ocuparam a parte baixa do território (campo). Na necessidade da água, o cacique junto com algumas pessoas abriu poços simples para utilizarem água para beber e cozinhar.



Figura 8. Primeiras famílias na retomada de 1998



Figura 9. As casas eram feitas de palha na época da retomada de 98 Foto: Manoel A. Meira (Buriti)

Os poços não eram muito fundos, sendo pouco mais de um metro de profundidade e água era retirada manualmente. No entanto, a água era salobra. Para banho, tinha uma lagoa mais próxima das habitações.



Figura 10. Local onde funcionava um poço de água em 98 Foto: Vânia Meira, outubro de 2017

O cacique Ipê na época teve que pensar em todas as situações possíveis de sobrevivência bolando meios que desse certo para que não faltasse nem água nem alimentação para o povo:

*O cacique Ipê teve muitas estratégias de sobrevivência para que o povo não padecesse e uma delas foi a preocupação de se ter água para a comunidade. A princípio foram escavados alguns poços de mais ou menos um metro de profundidade para tirarmos água para beber e na lagoa mais próxima usávamos para lavar utensílios de cozinha, roupa e banho. A água de beber dos poços tinha um gosto muito ruim. Era como se tivéssemos bebendo água misturada com ferro e sal. (Meu Memorial)*

Na transição de um lugar para outro dentro do território indígena, o cacique tinha toda essa preocupação de ter água acessível para as pessoas. Dando seguimento a migração para outro local, o cacique escolheu a área de reserva florestal que fica próximo de um riquíssimo achado arqueológico conhecido por lugar dos sambaquis deixados por nossos ancestrais. Eles (antepassados) se alimentavam de mariscos e esta área ficou marcada por uma grande quantidade de fósseis de ostras.

Neste local, não foi preciso abrir poços como da última vez porque na área já existiam alguns córregos com nascentes dentro da reserva. Foram construídas duas cabanas: uma para reunião e outra para escola das crianças. Uma das maiores preocupações do cacique Ipê desde o início da retomada, era que tivesse logo uma escola isto porque as crianças não podiam ficar sem estudar.

Nesta reserva com córregos e área verde, facilitou-se para que as pessoas pudessem plantar culturas como feijão, mandioca, milho e abóbora. Embora fosse pouco o tempo de mudança deste lugar para a sede habitacional escolhida pelo cacique, algumas colheitas foram feitas dependendo do que foi plantado.

Em outubro de 99, as famílias mudaram-se para o lugar sede da aldeia, ou seja, o último ponto estratégico de mudança e local escolhido para as habitações permanentes.



Figura 11. Cacique Ipê próximo a uma nascente. Foto: Vania Meira, outubro de 2017

*Algumas nascentes próximas saciavam a sede de todos. A água era boa, mas tínhamos que ter muito cuidado para não destruímos as nascentes. Criamos então um local próximo onde as mulheres podiam lavar roupas e louças. Mas a população foi crescendo e esse local ficava muito cheio de pessoas todos querendo lavar roupas, louças e tomar banho. (Meu Memorial)*

### **Habitação permanente - Uma nova etapa começa...**

O ponto principal onde os moradores faziam suas habitações foi então retomado, e marcado pelo cacique como local para construção das casas. Cada família teve sua parte designada para construir sua casa e fazer plantio. A maioria das casas era feitas de taipa (barro e armação de varas), outras casas que existiam no local eram de tábua.

Não muito longe das casas, os moradores podiam pegar água em grotas, onde as nascentes são no mesmo local. As mulheres desciam para lavar louças, roupas e tomar banho. Muitas vezes a água ficava barrenta e muitas vezes difícil para utilizar em uso doméstico, conforme mostram as figuras abaixo.



Figura12. Situação da água barrenta que o povo utilizava Foto: Manoel A.Meira (Buriti)



Figura 13. Índia lavando roupas próxima a um poço Foto: Manoel A. Meira (Buriti)

A luta de cacique e lideranças foi grande na busca por uma caixa d'água que atendesse ao povo. Alguns documentos manuscritos feitos por Buriti foram várias vezes enviados pelo cacique Ipê à vários órgãos para que a demanda fosse atendida e então pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), conseguimos a caixa d'água para atender a comunidade.



Figura 14. A chegada da caixa d'água para a Aldeia Velha Foto: Manoel A. Meira (Buriti)

Com o passar dos dias, foram feitas instalações hidráulicas da caixa d'água para as casas. Este trabalho era feito com a ajuda voluntária de algumas pessoas. A população foi aumentando e nesse sentido, o trabalho de se estender as encanações para as casas também. Com o tempo, houve a necessidade que tivesse alguém responsável pela distribuição da água e foi então contratado pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), atualmente Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), para agente de saneamento o senhor Guilherme para cuidar da distribuição.



Figura 15. Agente Indígena de Saneamento Foto: Vânia Meira, maio de 2018.

*Guilherme Cancela da Conceição é filho da Pajé Jaçanã. É Casado e tem dois filhos. Trabalha como AISAN (Agente Indígena de Saneamento). É liderança que cuida do abastecimento e distribuição da água da aldeia para as casas. Trabalha sem horário determinado, se disponibilizando de acordo à necessidade do momento. Controla os registros de água de dia e noite e até mesmo de madrugada. Também faz visitas nas casas e na escola para verificar quando está faltando água e dá prioridade a mesma para que os alunos não fiquem sem aula. É muito competente no que faz, zelando para que não falte água para as pessoas.*

## **Situação Atual de abastecimento**

Atualmente a água do poço artesiano é mandada para uma caixa com capacidade para 30 mil litros por meio de uma bomba e distribuída às casas por encanações instaladas pelos moradores e pelo AISAN. O poço tem 123 metros de profundidade e a bomba com 72 metros.



Figura 16. Caixa d'água da Aldeia Velha Foto: Vânia Meira, 2018.

No entorno deste poço tem casas e a frente tem um posto de saúde. A área do poço juntamente com o posto de saúde foi cercada para que o local fique restrito o acesso.



Figura: 17. Posto de saúde da Aldeia Velha Foto: Vânia Meira, março 2019

## Saneamento Ambiental

A comunidade de Aldeia Velha conta com medidas de saneamento no que diz respeito à banheiros e fossas, porém em alguns casos muitas águas de banho e de lavagem de roupa são enviadas para os quintais das casas. De acordo com o PCN de Ciências é feita a seguinte questão:

*“para onde vão as águas de banho ou lavagens dos sanitários, das roupas? Água servida= construção inadequada de fossas, seja lançamento de esgotos não tratados em rios, riachos e mares.”(Pcn Ciências, pag. 104)*



Figura 18. Fossa sendo construída em Aldeia Velha Foto: Vânia Meira, maio de 2018

Nesse sentido é importante lembrar que na Aldeia Velha ainda não se tem falado sobre o que fazer quanto ao enchimento total de detritos das fossas, ou seja, não é enfatizado esse assunto em reuniões sobre como poder resolver esta situação já que se as famílias tiverem plantações nos quintais isso pode sofrer alguns agravos com águas de lavagem de roupas ou de banho (sabão...). Quanto a banheiros, há alguns anos atrás a comunidade recebeu um projeto de construção de banheiros, mas nem todos foram contemplados. Os banheiros eram construídos com lajota e cimento e ficava a poucos metros fora das casas. Sendo que as casas nessa época eram de taipa (barro e varas de madeira).

*O cacique então resolveu que seu último ponto estratégico de mudança seria na parte sede da aldeia, onde não tinha árvores e dava pra fazer as casas de moradia permanente. Ou seja, não mudariam mais. Os posseiros saíram imediatamente das terras Pataxi Makiamé (Aldeia Velha) e o cacique que conhecia todo aquele território desde criança, sabia cada ponto escondido onde se tinha água. Todos mudaram e começaram a construir suas pequenas casas de taipa (barro e varas). Nesse tempo já tínhamos retornado para a aldeia e construímos também nosso kijeme (casa). (Meu Memorial)*

Com o tempo houve a necessidade de construir casas de alvenaria por conta de se pensar em não ficar tirando madeira na mata, pois poderia

degradar muito a natureza e pelo motivo que as casas de taipa duram poucos anos.

O lixo descartado é destinado à coleta em carros da prefeitura municipal, que passa uma vez na semana. O lixo verde é separado e posto em local apropriado para queima, depois de seco.

No decorrer dos últimos dois anos passados (2016 e 2017) algumas pessoas da comunidade contraíram certos tipos de bactérias e acreditavam ser possível da água do poço. Mas em conversa com a médica que atendia na aldeia, foi dito que não houve casos de comprovação e nem diagnóstico de que fossem causados por água contaminada.

## **Novo Poço**

Com o passar dos anos a população de aldeia Velha foi crescendo, que antes eram poucas famílias. A partir de dados do trabalho de percurso acadêmico do aluno egresso do FIEI, habilitação matemática, Kevin Robert Dias Santos, foi observado um dos motivos para esse crescimento:

*Após a retomada foram chegando vários parentes das famílias que participaram da retomada, vieram familiares de diversos lugares desde outras aldeias até povoados, distritos e cidades vizinhas de Porto Seguro. (SANTOS, 2018, pg.27).*

Além do motivo citado para crescimento populacional, houve também um aumento de nascimento de crianças na própria comunidade Aldeia Velha. Alguns já se encontram rapazes e moças e muitos já são pais e mães de famílias. Segundo SANTOS (2018), um dos motivos que foi considerado muito importante também para os que chegavam é que: *“migrar para a aldeia Velha trazia a oportunidade de reavivar e fortalecer os costumes e tradições Pataxó deixados por seus antepassados.”* (p.27). Essas mudanças também estiveram e estão diretamente ligadas ao consumo da água da aldeia.

Surgiu então a necessidade de criação de um novo poço de água. Então o cacique atual Angelo Santos do Carmo com suas lideranças, fez essa busca de poder contar com a parceria de órgãos que os ajudassem. Mas foi com a ajuda de um amigo aqui da região que se conseguiu a escavação do novo poço.



Figura 19. Novo poço – Foto: Vânia Meira, 10/10/2017

Os moradores mais distantes de onde fica localizada a primeira caixa d'água foram então contemplados com esse novo poço. O problema da água chegar nas casas, não se encontra totalmente resolvido porque a aldeia tem apenas uma pessoa responsável pela distribuição, e quando o AIS (Agente Indígena de Saneamento) está mandando água para uma localidade a outra fica esperando.

## **CAPÍTULO 2 - INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS: DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES**

Para desenvolver as intervenções pedagógicas, conversei com a comunidade escolar, liderança e alunos da turma escolhida. A primeira ação aconteceu em sala e aula campo durante a aula de Geografia. A outra atividade foi realizada com a mesma turma na disciplina de Língua Portuguesa. Depois das atividades gravei relatos de alguns envolvidos sobre as atividades desenvolvidas.

Neste capítulo, me propus a descrever sobre as ações pedagógicas desenvolvidas neste trabalho, sendo que tudo foi realizado em conversa com a diretora Maria Aparecida, com o Coordenador Wagner (aluno do FIEI-CVN) e com duas professoras do Ensino Fundamental II: Mariceia Meirelles Guedes (Arnã Pataxó).

As atividades foram desenvolvidas a partir do que seria importante o aluno aprender quanto à questão do território indígena Aldeia Velha. Ou seja, porque os alunos devem conhecer o lugar em que vivem. É importante que desde cedo conheçam e aprendam a valorizar o ambiente, o território e sua cultura.

Então na aula de Geografia junto com a professora Arnã responsável pela disciplina, que estava desenvolvendo conteúdos sobre bacias hidrográficas, acreditou ser interessante levarmos ao conhecimento do aluno, os lugares de onde nós da comunidade vivenciamos e fizemos uso como por exemplo, as nascentes que ficam próximos da escola. Para essa conversa combinamos trazer uma liderança conhecida na área do assunto, para a sala de aula.

### **Palestra com Buriti (liderança) em sala de aula**

Convidamos então o senhor Buriti, que é liderança junto ao cacique Angelo, para falar sobre a água que temos; a luta de como foi com a mudança da comunidade de um lugar para outro. Até chegarmos a este ponto principal

de hoje. O senhor Buriti fez um “apanhado geral” das lutas e movimentos que tivemos no território da aldeia Velha, principalmente a luta por sobrevivência num lugar onde tínhamos que plantar para ter o que comer e de onde deveríamos tirar água para plantação e uso próprio. Com a transição de um lugar para outro, o cacique Ipê na época teve todos esses pontos a se resolver.

### **Conhecendo a história, a luta e o funcionamento da água**

Desde cedo é preciso que o aluno conheça a sua realidade, como foi citado anteriormente neste trabalho, a nossa história deve ser conhecida primeiramente por nós. Trabalhar um tema tão amplo sugere-se primeiro que a nossa história esteja ali, mesmo que fora dos livros didáticos que recebemos, mas na voz de alguém que conheceu e lutou não só pela conquista da terra, mas por um bem tão necessário à vida humana. Essa foi uma problemática observada no início. Essa observação facilitou para que a liderança pudesse vir fazer uma palestra na turma.

O senhor Buriti já sabia o que ia fazer, e isso fez parte do planejamento, pois fora convidado para falar das lutas das lideranças com relação à água, conquista da caixa d'água para abastecimento de todos.



Figura 20. Liderança palestrando em sala de aula Foto: Wagner S. Meira agosto de 2018



Figura 21. Buriti em palestra a turma do 6º ano agosto de 2018. Foto: Wagner S. Meira

Tive conhecimento que alguns professores estavam justamente trabalhando o tema água do livro didático com conteúdo sobre bacias hidrográficas e outro professor estava trabalhando sobre os estados físicos da água. O momento foi oportuno, pois em certo momento da palestra, a liderança fez uma representação por meio de desenho na lousa, mostrando o funcionamento da nossa caixa d'água e como foi que deu certo o processo de instalação da mesma, com relação aos lençóis freáticos.



Figura 22: Liderança explicando através de desenho a profundidade do poço e a caixa d'água da aldeia. Foto: Vânia Meira

Para quem participou de muitas lutas por melhoria, ficou mais fácil explicar de forma que os alunos demonstraram entender bem, compreendendo e fazendo algumas perguntas no decorrer das explicações.

Encerrando esta parte da atividade, fomos levar os alunos para o local onde fica a nossa caixa d'água principal que abastece a aldeia.



Figura 23. Liderança Buriti explicando aos alunos sobre o funcionamento das máquinas do poço artesiano da aldeia. Foto: Vânia Meira

Nesta aula campo os alunos iam anotando o que podiam e quem tinha celular fotografava alguns pontos que chamavam atenção. Como por exemplo, as casas muito próximas ali do local. Isso porque na palestra em sala de aula, houve um momento em que foi falado sobre a paisagem local; o que tinha antes e depois, e conseqüentemente as mudanças visíveis. Saber que pontos negativos como: casas com fossas muito próximas ali foi também verificado pelos alunos durante a conversa.



Figura 24 e 25. Os alunos observam casas próximas a caixa d'água. Foto: Vânia Meira

Encerramos essa primeira atividade a frente da caixa d'água da aldeia, onde o poço artesiano fica próximo da mesma. Foi importante a explicação feita na sala de aula em forma de palestra feita por Buriti (liderança) e poder concluir perto do poço, onde eles, os alunos puderam fazer suas anotações, observações e expor o que ia sendo observado por eles mesmos.

Essa atividade proporcionou aos alunos se sentirem os próprios pesquisadores de sua aldeia. É importante colocar aqui que os professores envolvidos no processo direta e indiretamente, estavam trabalhando conteúdo sobre a água. Como por exemplo: bacias hidrográficas, ciclo da água. O palestrante se mostrou bem envolvido na atividade mostrando muito interesse em poder contribuir com a aula e a aprendizagem dos alunos.

A professora de Geografia também relatou com suas palavras que é importante trazer o aluno a pesquisar sua realidade local. E nós como educadores podemos valorizar esse olhar do aluno que muitas vezes pode passar despercebido por falta de uma didática específica. Acredito que essa atividade e a outra atividade aplicada nesta turma do 6º ano foi muito importante para todos os envolvidos. Na sequência descreverei como foi a outra atividade sobre Mapa Mental.

### **Atividade de Mapa Mental**

Essa atividade foi elaborada com o objetivo de conhecer o território em que moramos. Onde se pode notar pontos geográficos, de referência, localização e orientação com relação ao trajeto que os alunos fazem de casa até a escola. Esses pontos que marcam a nossa comunidade têm em comum também o percurso da água neste mesmo território.

A atividade teve colaboração de base retirando alguns elementos necessários no que diz respeito à Mapa Mental no roteiro do mapeamento geoparticipativo que descreve:

*“Durante o pré-mapeamento o professor deverá levantar dados do entorno da escola e região, bairro, bacia, enfim, do território que se pretende mapear.”* (GIANASI & CAMPOLINA, 2017, pág. 37)

Isto facilitou o desenvolvimento da atividade. Já que tudo deve ter um planejamento, com objetivos e metodologias que contribua para que os alunos tenham acesso fora da sala de aula ao contexto que os rodeia.

De certa forma, esta atividade deu-se sequência da atividade anterior, ou seja, quando uma liderança vem em sala de aula e leva os alunos a campo, ele já começa a mostrar aquilo que temos de valor em nossa comunidade ou território.

Pontos que foram notados/observados pelos alunos com relação à esta atividade:

- Facilidades ou dificuldades da casa até a escola;
- Proximidades de poços ou nascentes próximas ou distantes da escola;
- Entorno da caixa d'água principal da aldeia (casa, lixo, cerca, paisagem antes e depois);
- Localização de pontos cardeais com relação à rua principal, caixa d'água e escola.

Essa atividade foi feita com a mesma turma do 6º ano, porém na aula de Língua Portuguesa com a professora Aline Andrade (já foi aluna do FIEI). Conversamos com a turma na biblioteca e levamos os kitok e kitokihé (meninos e meninas) para o entorno da escola para visualizarem novamente alguns pontos do percurso que fazem quando vem para escola.

Quando retornaram para a sala, ou seja, a biblioteca, que foi o local escolhido para desenvolverem o mapa mental em desenho, os materiais já estavam preparados os esperando. Distribuímos papéis, canetinhas, cartolinas lápis de cor para eles darem continuidade a atividade.





Figuras 26, 27, 28 e 29. Alunos do 6º ano em oficina de Mapa Mental Fotos: Vânia e Wagner Meira



Figura 30. Desenho feito pela aluna Juliana Oliveira 6º ano A. Foto: Vânia Meira 2018

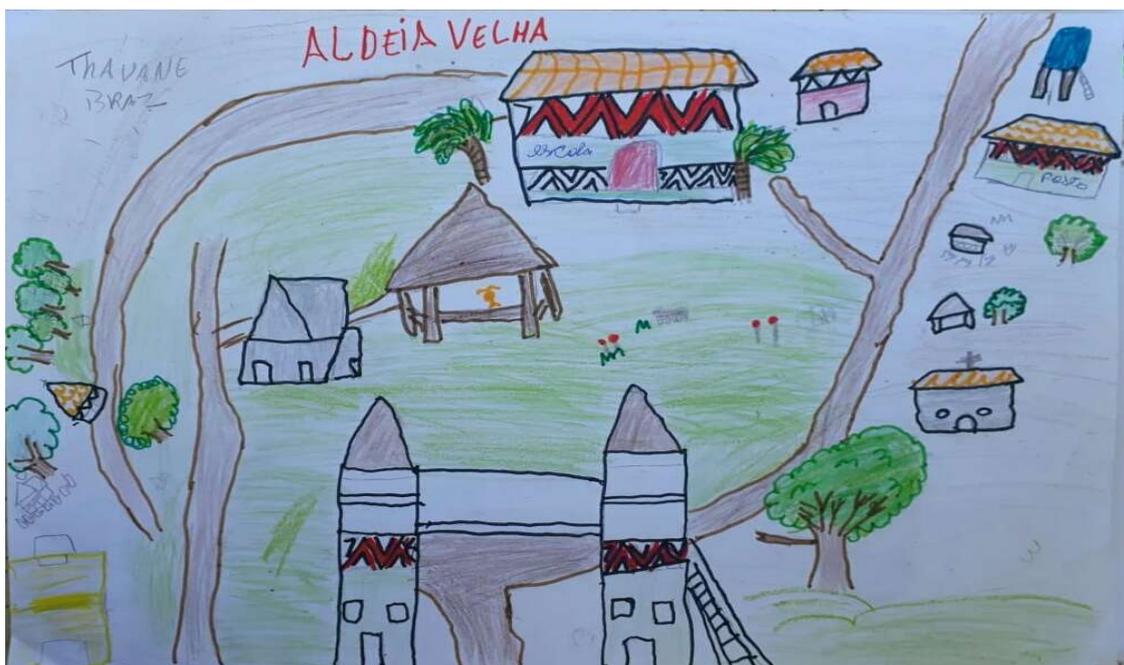


Figura 31. Desenho feito pela aluna Thauane Braz do 6º ano A. Foto: Vânia Meira 2018

Os alunos demonstraram interesse pela atividade principalmente quando é para observar o que se tem fora da sala de aula. Sempre que possível, na nossa escola indígena, os professores levam os alunos para atividades fora do prédio escolar. Ficar muito preso a sala de aula faz com que desperdicemos a oportunidade de formar grandes pesquisadores de sua própria cultura e território. Muitas vezes os alunos, observam coisas, que pelos professores passam despercebidos.

O professor está a todo o momento passando o saber e ao mesmo tempo aprendendo. Mudanças na paisagem como casas, árvores e outras construções também foram observadas por eles. Sobre a fala deles, relataram que é importante ver o que faz parte da nossa cultura e poder deixar guardado porque a nossa escola não tem ensino médio. “Na nossa escola não tem outras séries como o Ensino Médio, e a gente pode deixar registrada a nossa cultura, mostrar o que estudamos um pouco mais sobre a água, sobre as plantações...”

Quando os alunos voltaram da observação junto com a professora, começaram a desenvolver o que viram através de desenho. Essa atividade fez com que a turma se concentrasse ainda mais, podendo colocar no papel objetos de sua observação. Eles na maioria desenharam a parte central onde fica a escola, o posto de saúde, e as casas no entorno dessa região. E falaram

que é o local onde eles (os alunos) mais conhecem que é justamente o trajeto entre casa, escola, posto e rua principal que transitam a maioria das pessoas.

Outras partes da aldeia, como a reserva e a área de campo (parte baixa) é bem pouco freqüentado pelas crianças, talvez por esse motivo, eles não tenham colocado no mapa. A professora da turma Aline, também fez suas observações a respeito da atividade e falou da importância de formar pesquisadores fazendo mapeamento de seu território. Citou também a sua participação na ação e poder afirmar que o olhar do aluno é muitas vezes diferente do professor pelo fato de ver com precisão muitos detalhes.

Essa atividade proporcionou aos alunos conhecerem um pouco mais o local onde vive, como se orientar através de pontos referenciais, a relação da água no território e notar o percurso que eles fazem quase todos os dias pelas ruas de sua comunidade com seu trajeto escolar. Isso é firmemente notado nos desenhos deles.

## CONSIDERAÇÕES: REFLETINDO SOBRE O MEU PERCURSO

Este trabalho para mim foi uma grande realização, pois poder registrar a história do meu povo, as lutas, as dificuldades enfrentadas no decorrer de cada registro feito, nas visitas aos locais antigos, por onde pisei, das águas que bebi. Saber que fiz parte dessa história juntamente com tantas outras pessoas, história essa de luta e resistência e poder registrar um pouco disso tudo para ser transformado em material didático me faz valorizar ainda mais meu território, minha cultura e educação da qual dependem tantas crianças da minha aldeia.

Contar com pessoas que disponibilizaram seu tempo e dedicação em me ajudar na pesquisa, na palestra, nas visitas à locais, na parceria escolar me faz ter mais entusiasmo em saber que isso tudo não tem preço mas tem um valor muito grande para mim. No princípio do percurso acadêmico quis falar da água da minha aldeia, mas não poderia deixar passar essa fase histórica da qual registrei. Não dá para pular um período tão rico de sentimento, de busca, de valores e de sobrevivência.

Como falar de abastecimento local e não falar da história? Da história de um povo que deu sua vida em muitos momentos como de retomada de território, para que gerações futuras pudessem saber e conhecer o bem que se tem hoje, como a água, a terra boa para plantar, a educação escolar que temos e a nossa cultura de cada um ter liberdade no seu próprio território de poder colocar um adereço, participar de um awê (dança), livremente.

O trabalho que desenvolvi também despertou em muitos educadores de minha escola esse olhar para a temática da água local. Atividade de apresentação foi feita por professores e alunos em data específica como “semana da leitura” da qual faz parte no calendário da escola de Aldeia Velha. O professor pesquisador começa a ter esse olhar especial para a sua própria comunidade e isso é perceptível quando ele vê que uma ponte de conhecimento tradicional e científico precisa ser mediada na educação de uma criança indígena. Principalmente quando o professor tem apenas um livro

didático regular e que não cita nada da realidade local de determinada comunidade indígena.

Gostaria de poder elaborar e desenvolver outras atividades na turma ou em outras turmas, em diferentes disciplinas, mas estando fora da sala de aula e trabalhando em outra função me impossibilitou de certa forma sobre isso. No entanto meu olhar enquanto estive professora de Ciências em anos anteriores não mudou quanto à necessidade de buscar para o aluno conhecimentos de seu próprio povo e de sua comunidade. E este trabalho de percurso acadêmico é prova disso.

Acredito que esse trabalho possa contribuir para a minha comunidade indígena, assim como para a escola de Aldeia Velha da qual faço parte. Assim como tive essa preocupação em pesquisar e transformar em material de pesquisa e didático, podendo assim somar a didática dos meus colegas educadores, acredito que trabalhar de forma interdisciplinar é possível e cada educador traz consigo para a sala de aula, sua própria metodologia.

A partir desse estudo novas pesquisas podem ser feitas e as práticas na escola podem ter seguimento, gerando sugestões de projetos de reflorestamento de nascentes, cercamento de áreas de nascentes, arborização, prática de conhecimento território assim como outros.

Esse material que é fruto desse trabalho trouxe para mim a possibilidade de poder contribuir com a minha comunidade e com a minha escola, através dessa construção de conhecimento a partir de nossa própria história. A minha formação no FIEI me auxiliou nessa busca, onde toda essa estruturação em registros de uma trajetória de passado, presente e futuro, com uma temática tão relevante que é a água, o bem indispensável para a vida, sob um olhar especial de um educador.

## REFERÊNCIAS

Bicudo, C.E.de M.; Tundisi, J.G.; Scheuenstuhl, M.C.B. , orgs. B583a **Águas do Brasil: análises estratégicas** / Carlos E. de M. Bicudo; José G. Tundisi; Marcos C. Barnsley Scheuenstuhl – São Paulo, Instituto de Botânica, 2010.

Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha. **Projeto Político Pedagógico**. 2017.

EUCLYDES, Humberto Paulo; Paulo Afonso Ferreira; Reynaldo Furtado F. Filho; Elvis Paulo de Oliveira. **Atlas das Águas**. III Simpósio de Recursos Hídricos do Centro Oeste. Goiânia-GO, maio de 2004. [http://www.atlasdasaguas.ufv.br/leste/resumo\\_leste.html](http://www.atlasdasaguas.ufv.br/leste/resumo_leste.html). Acesso em 29 de abril de 2019.

GIANASI, Lussandra Martins; CAMPOLINA, Daniela. **Geotecnologias na educação para gestão das águas**: mapeamento geoparticipativo 3P. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

GUEDES, Maricéia Meirelles; SANTOS, Marialva Dias dos; ESPIRITO SANTO, Taiane Ferreira do, **Etnomapa da comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha**. Arte: Rosarlete Meirelles. LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA/LINTER – IFBA PORTO SEGURO. Área de Habilitação: Ciências Humanas e Sociais. Disciplinas: Etnoarqueologia I – II/Módulo 6-7 / 2014-2015.

JÚNIOR, CELIO DA SILVEIRA E OUTROS. Ciências da vida e da natureza: experiências e práticas científicas nas escolas indígenas. In: LEAL, ÁLIDA ANGÉLICA ALVES E OUTROS. **Experiências do PIBID** Diversidade – Belo Horizonte. PIBID/FaE- UFMG, 2018.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Ciências Naturais**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – 3. Ed. – Brasília: Secretaria, 2001.

VIEIRA, Daniela Campolina. **GESTÃO DAS ÁGUAS NO BRASIL: vamos participar. Mapeamento geo-participativo, participação social e gestão das águas na bacia hidrográfica do ribeirão Onça do estado de Minas Gerais** / Lussandra Martins Gianasi, Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro. Instituto Guaicuy. Belo Horizonte, 2013. – 40p. il.

**Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS, Kevin Robert Dias. **O Crescimento Populacional de Aldeia Velha entre 1998 e 2010: Desafios para a Comunidade**, Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SILVA, ANA CAROLINA RODRIGUES DE SÁ E OUTROS. **QUALIDADE DA ÁGUA DO RIO BURANHÉM, PORTO SEGURO - BAHIA, DE 2008 A 2014**. XXI Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, At Brasília, novembro 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-da-bacia-hidrografica-do-rio-Buranhem-e-da-estacao-de-monitoramento\\_fig1\\_285589731](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-da-bacia-hidrografica-do-rio-Buranhem-e-da-estacao-de-monitoramento_fig1_285589731) Acesso 29 de abril de 2019.